

O FEMININO NOS PRIMÓDIOS DA HUMANIDADE: UM ESTUDO COMPARADO DE EVA E LILITH NA *BÍBLIA* E EM *CAIM*, DE JOSÉ SARAMAGO

Simone Aparecida de Matos¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo fazer um estudo comparado entre as personagens Eva e Lilith, na Bíblia e no romance *Caim*, de José Saramago. Demonstrando como o mito bíblico foi utilizado para condenar a mulher à submissão e a culpa pelo pecado original, enquanto sua remissão se dá pelo romance, gênero mais maleável que subverte e reelabora o mito com o intuito de desconstruir verdades cristalizadas pelo tempo. Buscaremos uma relação entre o gênero mito e o gênero romance e a maneira como as personagens estudadas são construídas em cada um dos dois gêneros.

Palavras-chave: Estudo comparado; Eva; Lilith; mito e romance.

Abstract: This article aims to make a comparative study between the characters Eva and Lilith in the Bible and in the novel *Caim*, by José Saramago. Demonstrating how the biblical myth was used to convict the woman into submission and guilt of the original sin, while her forgiveness is through the romance, a more malleable genre that subverts and reworks the myth in order to deconstruct crystallized truth by the time. We seek a relationship between the gender myth and the genre romance and the way the characters were studied are built in each of the two genres.

Keywords: Compared study; Eva; Lilith; myth and romance.

Introdução

Caim, o primeiro vilão humano da história cristã, personagem bíblico, foi execrado através dos tempos pelo assassinato de seu irmão Abel. Marcado por Deus e condenado a vagar pelo mundo a pagar seus pecados, o primogênito de Adão e Eva, amargou o título de assassino pela mitologia cristã por séculos. É um dos marcos iniciais da Bíblia, talvez o livro mais lido no mundo, ou pelo menos, mais conhecido, e considerado sagrado por muitos.

¹ Discente, nível de mestrado, no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNEMAT. E-mail: matos.simone82@gmail.com.



Agora, porém, foi redimido pelo escritor português José Saramago, em seu último romance, *Caim*, escrito em 2009. Saramago, único escritor em Língua Portuguesa agraciado pelo Prêmio Nobel de Literatura, notório ateu, que já havia demonstrado seu pensamento em relação aos mitos cristãos, com o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, revisita o mito de Caim, recontando, à sua maneira, a história do fratricídio mais conhecido da história cristã: o assassinato de Abel por seu irmão Caim.

A obra, baseada livremente no Gênesis, primeiro livro da Bíblia, conta a história do início da humanidade, a criação de Adão e Eva, a expulsão de ambos do paraíso, o nascimento de Caim e Abel, o fratricídio, em que Caim continua como assassino do irmão Abel, mas o peso de seu crime diminui e quase o inocenta, com a argumentação que apresenta a Deus, num diálogo cheio de significado. Nele, o sagrado se iguala ao humano, e a culpa passa ser dividida entre os dois. Condenado a vagar pelos meandros do Antigo Testamento, Caim cruza seu caminho com o de Abraão, evitando assim a morte de Isaac, anda por Sodoma e Gomorra antes da destruição e até mata a família de Noé, quando “pega uma carona” na arca para escapar do dilúvio.

Caim é a personagem principal da obra que carrega seu nome, mas o objeto deste artigo não é ele, e sim Eva e Lilith, duas mulheres nos primórdios do cristianismo. Faremos um estudo comparado da aparição destas duas personagens na Bíblia e na obra de Saramago. Eva, por sua vez, personagem de destaque no Cristianismo, considerada por muitos a primeira mulher a ser criada, foi a responsável pela expulsão do homem do paraíso por comer o fruto proibido oferecido pela serpente; Saramago a transforma em questionadora e forte, arrimo da humanidade, que precisa buscar meios para sobrevivência, ao lado de Adão, quando ambos são abandonados por Deus. Lilith, desconhecida por muitos cristãos, teve um destino pior na mitologia cristã, é considerada um demônio; o



escritor português a descreve como uma mulher insaciável, dona de seu destino e comandante de um reino.

Fazendo uso dos métodos da literatura comparada, poderemos perceber como as duas personagens femininas escolhidas neste artigo são vistas, seja pela ótica do mito, na *Bíblia*, seja pelo romance, em *Caim*. Gêneros diferentes – mito e romance – que cumprem com o que se propõem na sociedade e na época em que são escritos.

Em um primeiro momento, buscaremos contextualizar a literatura comparada e sua importância para os estudos literários. Em seguida, faremos uma breve diferenciação entre mito e romance, para então entendermos a maneira como as personagens estudadas foram construídas em cada um dos gêneros.

A literatura comparada

Conforme CARVALHAL (1986), a expressão “literatura comparada” é a uma forma de investigação que confronta duas literaturas, grosso modo. Mas não é apenas comparação, para a autora, “comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura” (p. 06).

Para STEINER (1994), toda obra estabelece conexões, trazendo a ideia de recepção da obra por parte do leitor, em que a obra de arte é parte integrante de algo maior, em suas palavras:

todo acto de recepción de una forma dotada de significado, en el language, em el arte o en la música, es comparativo [...] Intuitivamente, buscamos la analogía y el precedente, los rasgos de una familia que relacionan la obra que es nueva para nosotros con um contexto reconocible (p. 121).

A literatura comparada como disciplina acadêmica surgiu no século XIX, e pautou-se pelo interesse em se conhecer o **outro**. E esse **outro**, que aparece nas discussões da literatura comparada a partir do final dos anos 80 do século XX, conforme afirma Prysthon (2004) em seu artigo *Interseções da teoria crítica*



contemporânea: estudos culturais, pós-colonialismo e comunicação, é o “Terceiro Mundo”, mas também a mulher, os gays, as lésbicas e os negros. E é essa vertente dos Estudos Culturais, voltadas para o estudo da visão feminina, em especial no mito cristão da criação, o qual nós nos deteremos.

O comparatismo literário não pode ser visto apenas como um confronto de obras e autores. Seu alcance é maior, investigar problemas ou fatos em contextos diferenciados que nos levem ao questionamento e a ampliação de horizontes do conhecimento.

A comparação entre um texto bíblico, escrito há milênios, e um romance contemporâneo, objeto deste artigo, não tem apenas o intuito de ver as diferentes visões da mulher em épocas diferentes através de uma mesma vertente, mas também demonstrar a carga de valores e a maneira como cada gênero é utilizado para mascarar ou desmascarar uma realidade, para submeter ou libertar as pessoas dos dogmas impostos pela sociedade ou pela religião.

Mito x Romance: Criação do mito

Quando falamos em “mito” podemos encontrar várias acepções: desde tabu a ser quebrado, como, por exemplo, o mito de que se tomar leite e comer manga fará mal; ou no sentido de “fábula, ficção, mentira”, vigente por séculos no mundo greco-romano²; Barthes conceitua mito como uma fala, um sistema de comunicação em que “já que o mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso” (BARTHES, 2010, p.199), ou ainda, a acepção que será utilizada neste estudo, a de que o mito é uma história considerada sagrada por determinado povo, conforme Eliade (2011).

Os mitos estão presentes em qualquer sociedade, e estão extremamente ligados a suas crenças. Podem mudar conforme a evolução da sociedade e a

² Eliade, M. *Mito e Realidade*. (São Paulo, 2011), pág. 141.



mudança de seus paradigmas. São assimilados tanto por sociedades primitivas, em que são mais intensos, e pela sociedade contemporânea. Nas primeiras, explicam desde a criação do mundo até a formação de fenômenos naturais, como o raio e a chuva, e eventos acontecidos na tribo. Nas sociedades contemporâneas servem, em alguns casos, para explicar a criação do mundo e são origem de muitos rituais, em especial os religiosos.

Alguns mitos ficam vigentes por pouco tempo, e vão mudando conforme as mudanças da sociedade. Em outros casos perpassam séculos, e acompanham um determinado povo, apesar de suas mudanças e evoluções. Conforme Eliade (2011, p. 23), “o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação dos homens”. Podemos perceber a veracidade desta informação ao verificarmos como a Bíblia, grande livro sagrado do Cristianismo, carregado de mitos, é fonte basilar da doutrina cristã, que há dois mil anos rege a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo, e confirma a afirmação de Eliade, de que o mito é o “ingrediente vital da civilização humana” (2011, p. 23).

Posto como ingrediente vital da civilização humana, cabe, então, a definição do mito. O próprio autor da afirmação acima comenta a dificuldade de se definir o mito em sua obra. A mais correta lhe parece aquela em que define o mito como “uma história sagrada; que relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’” (ELIADE, 2011, p. 11). Desta afirmação, podemos concluir que o mito é uma narrativa, que conta a história de um princípio, de um início, seja do mundo, de um acontecimento ou de um fenômeno de cunho sagrado, pois ele ocorreu por obra de entes sagrados, em geral deuses, que por sua posição de superioridade tiveram nas mãos o poder de criar e que produz efeitos simbólicos e pragmáticos na organização de uma sociedade.



O surgimento do romance

Dessacralizar um mito não é tarefa fácil, ainda mais quando se refere a um mito conhecido pela maioria da população mundial e ainda é visto como um dogma pela influente igreja Católica. Saramago o faz de maneira simples e cativante, mas também provocativo. Adjetivo este que cabe a sua literatura como uma luva.

Saramago nos dá a entender, em sua obra, que a evolução da sociedade deveria levar o homem a pensar e que essa reflexão ajudaria a derrubar a hegemonia do mito. A teoria do mito, proposta por Vico, citada por Sylvestre (2011), apresenta três estágios: no primeiro, ou idade dos deuses, o homem considera toda ação fruto de seres sobrenaturais; no segundo, ou idade dos heróis, os mitos refletem a visão dos poetas e da sociedade que os cria; e no terceiro, ou idade do homem, apresenta-se a narrativa de argumentação, em que se questiona a verdade dos mitos.

O próprio Eliade, em *O Sagrado e o Profano*, afirma que “o homem moderno dessacralizou seu mundo e assumiu uma existência profana” (ELIADE, 1992, p. 14), de forma que o homem de hoje encontra maiores dificuldades para encontrar “as dimensões existenciais” do homem religioso das sociedades mais antigas, conforme Eliade.

D’Onofrio (2007), em *Forma e sentido do texto literário*, compartilha essa ideia, afirmando que ao se perderem as verdades coletivas e absolutas impostas pelo mito, o homem necessita descobrir seus próprios valores, fazendo que o mito fosse representado artisticamente, de forma que poetas e dramaturgos se aproveitariam deles para comporem suas obras literárias.

Caim, publicado em 2009, pela editora Companhia das Letras, é um exemplo desta afirmação. Não é a primeira vez que o autor envereda para as histórias bíblicas, já o fizera em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, em que traz



sua versão sobre o novo testamento. Agora, porém, passeia pelo Antigo Testamento, reelaborando os mitos bíblicos que compõe o Gênesis. Essa reelaboração é fruto de um processo de evolução:

Se em seu início o mito era original, sacralizado, com o passar do tempo ele passou a ser dessacralizado, até, contemporaneamente ser resgatado, “remitologizado” pela cultura ocidental contemporânea e, conseqüentemente, por escritores como Saramago que se apropriam dos mitos do passado e dão a eles novas características ou polemizam as características passadas desses mitos para evidenciar a necessidade da não aceitação ingênua de qualquer relato, já que todo relato é construção de linguagem e, por isso, passa por critérios subjetivos ao ser construído e aceito por uma sociedade e ao ser escrito por um determinado autor (SYLVESTRE, 2011, p.35).

Essa reelaboração pede um gênero mais maleável do que o mito para que ela aconteça. A modernidade pede uma fluidez e uma transitoriedade maior, que é possível de se obter no gênero romanesco, uma forma narrativa relativamente nova, que tomou força com a introdução do Romantismo, no século XVIII. Para MOISÉS (2006), o romance é a recriação da realidade, podendo, em tempos amenos, alienar-se e tornar-se passatempo ou, então, possuir papel de subversor da ordem, transformando-se em arma de combate e de ação social.

O romance estudado pode ser visto como arma de combate, para subverter a ideologia cristã, a qual Saramago, ateu convicto, não acreditava. O autor utiliza-se, principalmente do sarcasmo e da ironia, para descrever seu deus (grafado com letra minúscula em todo o romance), como um ser falível e egoísta.

Sylvestre (2011), em seu artigo *Diálogos entre a ficção e a história: o mito bíblico revisitado em Caim, de José Saramago*, também trata desta vertente do romance de ser questionador e de ir de encontro com a ordem posta:

Saramago percebe como a indústria do conhecimento é dominadora e serve a interesses maiores (instituições como o Estado, a Igreja etc.), tentando formar pessoas passíveis de serem dominadas, pouco questionadoras. Por isso o autor



português entende que é papel do escritor “acordar” o inconsciente adormecido, quebrar as raízes míticas de seu estado adormecido, fazendo com que o leitor perceba as dominações que lhes são impostas pela indústria do conhecimento, tornando-se alguém mais consciente e menos dominado, capaz de abrir as cortinas do passado, dos mitos e dogmas cristalizados e perceber as intenções que estão por detrás deles, entendendo que todos eles servem a um discurso maior de dominação do qual ele, leitor, faz parte. Apenas entendendo o mecanismo de dominação se é capaz de enfrentá-lo, negá-lo e de deixar de fazer parte dele (SYLVESTRE, 2011, p. 47-48).

Portanto, Saramago se utiliza do romance, gênero comum nos tempos modernos e contemporâneos para tentar abrir os olhos das pessoas frente a uma verdade cristalizada por séculos através de um mito que perdura até os dias de hoje e é um dos mais conhecidos da porção ocidental do mundo.

Questionando os mitos, porém, Saramago dissolve sua autoridade. A ficção é a forma de desmistificá-lo, levando as pessoas a pensarem, questionarem, entenderem o que conhecem desde sempre de modo diferente, para que a ordem religiosa, política e social não seja sempre a mesma. *Caim* é um romance, e sendo romance, é o espaço do diálogo, do confronto de vozes, ao passo que o mito é o discurso unívoco, da autoridade, inquestionável, fora do tempo e da história, por isso isento e ileso às comprovações. Por ser romance, e não um mito, ele deve ser visto, não como verdade absoluta, mas como algo passível de ser questionado e até hostilizado por alguns. O que devemos pensar é que ele leva a uma reflexão, a uma visão humanizadora do divino. Irônica e sarcástica... Sim, como cabe a um ateu. Mas no momento em que questionamos a ordem posta, aquela fundada pelo mito, estamos questionando o que nos rodeia, abrindo os olhos para luz do conhecimento. Vamos fazer valer o “sacrifício” da amaldiçoada Eva, a mãe de todos os viventes, que nos deu o poder de discernir entre o bem e o mal. Dessacralizando o mito, tido como verdade absoluta, podemos, assim, conhecer outras verdades.



Eva, mãe da humanidade

Eva, considerada pela mitologia cristã a primeira mulher, também se destaca como *Hawah*, ou “a mãe de todos os que vivem” (GÊNESIS, 3,20). A grande genitora da humanidade, criada para ser companhia do homem e núcleo da fertilidade, garante a sobrevivência por meio da descendência: “Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra” (GÊNESIS, 1: 28), foi a ordem de Deus para sua criação. Eva se torna, assim, elemento importante da criação, pois gerará a descendência da humanidade. Seu nascimento deu-se da seguinte maneira:

Javé Deus disse: “Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante”. Então Javé Deus formou do solo todas as feras e todas as aves do céu. [...] Mas o homem não encontrou uma auxiliar que lhe fosse semelhante.

Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne.

Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem. Então o homem exclamou: “Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!

Por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe e se une à sua mulher, e eles dois se tornam uma só carne. (GÊNESIS, 2: 18-24).

Com a expulsão do paraíso, temos o desabrochar de uma personagem inquietante. Eva, a mãe dos homens, a culpada pela expulsão do paraíso ganha destaque na obra. Tanto na Bíblia como no romance, a maldição de Eva a acompanha:

Javé Deus disse então para a mulher: “Vou fazê-la sofrer muito em sua gravidez: entre dores, você dará à luz seus filhos; a paixão vai arrastar você para seu marido, e ele a dominará” (GÊNESIS, 3, 16).

Que fizeste tu, desgraçada [...] Falsa, mentirosa, não há serpentes no paraíso, [...] E que fizeste, mulher perdida, mulher



leviana [...] tu, Eva, não só sofrerás todos os incômodos da gravidez, incluindo os enjoos, como parirás com dores, e não obstante sentirás atração pelo teu homem, e ele mandará em ti (SARAMAGO, 2009, p. 17-18).

Eva é condenada pelo seu ato, tanto na Bíblia como no romance *Caim*. Porém, é após essa condenação, que o papel de Eva muda no romance. Enquanto no mito bíblico, a participação de Eva se restringe a comer o fruto proibido e dá-lo a Adão, no romance, a mulher toma a frente na busca pela sobrevivência. Além do mais, é considerada por Salma Ferraz, em sua tese *As faces de Deus na obra de um ateu*, um “Prometeu de Saias”³ (p. 236), que ousou roubar o fogo dos deuses e doá-lo aos humanos, ou seja, dar aos seus descendentes o conhecimento do bem e do mal.

Essa Eva amaldiçoada e seu companheiro Adão, que no romance ficou entalado com o fruto oferecido pela mulher, são expulsos do Jardim do Éden e passam a vagar por terras inóspitas e áridas sem o conhecimento necessário para a sobrevivência. Vagando pela terra, travam um diálogo sobre como sobreviverão, em que Eva sugere ir até as portas do Éden e convencer o querubim que Deus pôs de guarda à porta a lhes dar alimento, Adão não quer, temendo mais castigos por parte de Deus, prefere calar-se:

Sobre o que o senhor possa ou não possa, não sabemos nada, Se é assim, teremos de o forçar a explicar-se, e a primeira coisa que deverá dizer-nos é a razão por que nos fez e com que fim, Estás louca, Melhor louca que medrosa, Não me faltes ao respeito, gritou Adão, enfurecido, eu não tenho medo, não sou medroso, Eu também não, portanto estamos quites, não há mais que discutir, Sim, mas não te esqueças de que quem manda aqui sou eu, Sim, foi o que o senhor disse, concordou Eva, e fez cara de quem não havia dito nada (SARAMAGO, 2009, p.22).

Salma Ferraz afirma que Eva, no romance, estava fundando a filosofia, pois faz indagações, inclusive sobre por que foram criados e pede um motivo

³ Disponível em: teopoetica.sites.ufsc.br/arquivos/saramago/.../as_faces_de_deus.doc. Acesso em: 11/04/13.



plausível para a expulsão, Adão, por sua vez, funda a teologia, apenas crê, sem exigir explicações.

A criação de Eva, sua separação do homem, inicia a queda do paraíso, o início do pecado. Para as sociedades patriarcais como as que os mitos bíblicos foram criados, isso convém. A mulher, separada do homem cuja cabeça conduz o casal, segue “fazendo besteira”, como por exemplo, comer o fruto proibido. Para essas sociedades, a mulher precisa ser controlada. Laraia, em seu artigo *Jardim do Éden Revisitado* cita:

A principal mensagem do conjunto de mitos produzidos por uma sociedade de pastores e guerreiros nômades, fortemente patriarcal e patrilinear como demonstram as genealogias do Gênesis, imbuída de uma ideologia machista, refere-se exatamente à questão da mulher vista como um ser extremamente perigoso, necessitando portanto ser fortemente controlada [...] Lilith recusou ser dominada pelo homem [...] a sua rebelião a transforma definitivamente em um ser demoníaco, perpétuo inimigo dos homens e de suas crianças [...] Eva, denominada por Adão “mãe de todos os viventes”, e mais fácil de ser subjugada porque não foi feita como ele do pó, mas de uma parte dele, também demonstrou a sua capacidade de ser perigosa.⁴

Lilith, como veremos mais adiante, foi punida sendo considerada um demônio e exilada em um deserto. Eva e seus descendentes perderam o paraíso e passaram a ser mortais em uma terra inóspita. Mas a Eva do romance *Caim*, não se dá por vencida e não espera sentada que as coisas lhe caiam no colo. Eva, ao chegar ao Éden, consegue a ajuda do querubim, que lhe fornece alimentos, meios e informações para sua sobrevivência na nova vida. A Eva, mãe de todos os seres viventes, inaugura a força feminina que carrega o mundo.

Com as informações do querubim, Adão e Eva passam a fazer parte de uma caravana, onde aprendem a lavrar a terra e criar animais. Lá nascem Caim e

⁴ Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000100005&script=sci_arttext. Acesso em 11/04/13.



Abel. E com o nascimento destes, há o apagamento de Eva. Não há mais menção a personagem, seja na Bíblia, seja no romance.

Comparando ambos os textos, podemos notar que o mito bíblico apresenta uma visão diferente da mulher daquela que podemos notar no romance. O mito, escrito há milhares de anos, precisava justificar a submissão feminina, demonstrando como a mulher, se não fosse conduzida pelo homem e tomasse suas próprias decisões, poderia prejudicar a humanidade como um todo. Diferentemente do romance contemporâneo, escrito em uma sociedade com igualdade de direitos (pelo menos em tese), em que a mulher ocupa papéis de destaque na sociedade. Essa Eva moderna é questionadora, batalhadora, que toma a frente para enfrentar a luta da sobrevivência em uma terra desconhecida e com obstáculos nunca antes enfrentados.

Além de fundar a filosofia, como afirma Ferraz, a Eva de Saramago torna-se a mãe de todas as mulheres que foram estigmatizadas, perseguidas e condenadas pelo fato de serem mulheres em uma sociedade machista. E Eva bíblica penou e, ainda pena, pelo gesto que lhe imputaram há milhares de anos, de ter sido a responsável pela expulsão do homem do Jardim do Éden.

Lilith, a primeira mulher ou um demônio?

Em suas andanças, o Caim do romance avança ao futuro e volta ao passado, misturando passagens do Antigo Testamento que, no original, não o mencionavam. Como é o caso já na primeira parada, quando Caim passa pela terra de Nod, onde conhece Lilith. Encontro, esse, que não ocorre na narrativa bíblica, apenas no romance.

Lilith, na Bíblia aparece em Isaías 34: 14, com uma alusão nada abonadora, como parte do dia da vingança do senhor. Porém, em vários textos, encontramos alusões a Lilith como a primeira mulher criada por Deus. Couchaux,



em *Dicionário de Mitos Literários*, organizado por Brunel, explica a criação do mito de Lilith:

É da aproximação dessa passagem (o exílio de Lilith) com os dois relatos da criação do homem e da mulher por Jeová (capítulos 1 e 2 do Gênesis) que nasce o mito de Lilith nos tempos modernos: primeira mulher a ser criada, ela pronunciou o “nome inefável” que lhe deu as asas por meio dos quais fugiu do jardim do Éden, onde abandonou Adão, com quem não se entendia. Ratificada pela perseguição de três anjos [...], essa fuga converteu-se em expulsão. Desde esse dia, em resposta à ameaça proferida pelos três anjos (ela veria milhares de seus filhos mortos diariamente), e por desejo de vingança e ciúmes de Eva, criada depois dela para substituí-la – criada não mais do barro, como Adão ou Lilith [...], mas de uma costela deste último -, Lilith retorna ao mundo dos homens, descendentes de Adão e Eva, para fazer-lhes mal. (COUCHAUX, 2005, p. 583).

De acordo com as fontes estudadas, um dos mitos mais conhecidos de Lilith é que ela seria a primeira mulher criada por Deus, para ser esposa de Adão, visto que Deus cria homem e mulher no Gênesis 1: 27, enquanto a criação de Eva, de uma costela de Adão, se dá apenas no Gênesis 2: 21-22. Segundo Laraia⁵, a primeira mulher de Adão, Lilith, o abandonou por não se submeter à dominação masculina, o que a levou a fugir para o Mar Vermelho. Adão, o marido abandonado, reclamou a Deus, que enviou três anjos para trazê-la de volta, em vão, Lilith não voltou e passou a ser considerada um demônio feminino, a rainha da noite, que ataca crianças recém-nascidas e as leva a morte inexplicáveis.

Lilith seria uma figura sedutora, de longos cabelos, que se recusou a ficar em posição inferior ao homem, por isso não aceitou ficar por baixo na relação sexual com Adão, de acordo com Laraia. Transformada em demônio, Lilith aparece na Bíblia cristã, em Isaias: 34. Neste trecho, Deus condena a cidade de Edom, que se converteu em uma sociedade maldita, que não aceitava os preceitos divinos. Em seu fim, Edom arderá em chamas antes de se transformar em deserto

⁵ Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000100005&script=sci_arttext. Acesso em 11/04/13.



onde ninguém mais passará: “Seus herdeiros são o pelicano e o ouriço; a coruja e o urubu fazem aí sua morada” (ISAIAS, 34: 11). Este deserto condenado será o exílio do demônio que se transformou Lilith:

Aí vão se encontrar o gato do mato e a hiena, o cabrito selvagem chamará seus companheiros; aí Lilith vai descansar, encontrando um lugar de repouso. Aí vai se aninhar a cobra, que botará, chocará os seus ovos e recolherá sua ninhada em sua sombra; aí se reunirão as aves de rapina, cada qual com sua companheira (ISAIAS, 34, 14-15).

Saramago, por sua vez, a descreve como uma mulher insaciável, com quem Caim passa várias noites de sexo, chegando a gerar um filho Enoch, que oficialmente será filho do marido de Lilith, Noah. Lilith de Saramago é insaciável, mas dona de seu destino e da terra de Nod. Ela comanda e não se curva ao marido, a quem não aceita nem que entre em seu quarto e o humilha constantemente. Diverte-se sexualmente com outros homens. Apaixona-se por Caim, a quem deseja ardentemente. Esta Lilith é uma mulher de atitude, uma devoradora de homens. O demônio do mito transforma-se em rainha. Caim ainda livra-se de uma armadilha de Noah, o marido traído, que quer matá-lo. A mulher até pede para Caim matar o marido, mas o fraticida não aceita mais uma morte. E parte.

Não se pode comprovar a veracidade dos mitos, mas podemos perceber como foram criados para garantir a dominação de determinados povos. Pode ser considerado um dispositivo, como trata Agamben (2009), ou seja, um instrumento com função estratégica concreta para a garantia de determinado *status*. Nas palavras do autor: “parece remeter a um conjunto de práticas e mecanismos que têm o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito mais ou menos imediato” (p. 34-35).

Transformar Lilith em demônio foi uma maneira de manter a submissão feminina por séculos. O fato de o mito apresentar a rebeldia da personagem e sua



punição leva à sociedade em que esse mito está inserido a ideia de que há necessidade de obediência aos preceitos arcaicos e míticos.

Já a Lilith de *Caim*, está mais para uma mulher moderna do que para uma personagem do início do Cristianismo. Ela domina e comanda um reino. Tem o poder e os homens que deseja a sua mão. Rompe com a visão bíblica do feminino, que foi criada para a submissão. De demônio bíblico, Lilith se transforma em rainha no romance contemporâneo.

Palavras finais

Não podemos negar que até hoje, em pleno século XXI, mitos criados há mais de dois mil anos ainda são fortemente repetidos e seguidos em nossa sociedade. Cristalizados na mente humana, em especial dos cristãos do mundo todo, os mitos presentes na Bíblia, servem de preceitos para a vida em sociedade.

Em muitos momentos, tais mitos apresentam contradições e por muitas vezes são questionados, mas continuam a serem seguidos. Igrejas do mundo todo os propagam em seus cultos e missas como verdades absolutas, mesmo tendo sido refutados pela ciência através dos séculos. Eles são vistos, também, como alegorias sujeitas a interpretações.

Alguns, cuja fé nos dogmas e nos mitos prevalece, acreditam sem questionar. Outros que não aceitam os dogmas buscam maneiras de dessacralizar os mitos e reelaborá-los de acordo com sua visão de mundo.

José Saramago, avesso aos dogmas desde o início de sua carreira como escritor, buscou dessacralizar o mito bíblico de Caim através de um romance. Ferraz (2012, p. 232) cita que em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), o autor “mata Deus”; em *Caim*, ele “vela o cadáver e depois crema suas cinzas”. Esta é uma imagem forte - cremar as cinzas da divindade suprema do Cristianismo mundial - mas na verdade é o que Saramago faz em seu romance.



Às duas personagens estudadas neste artigo, Eva e Lilith, Saramago confere nova roupagem, novas características para as conhecidas histórias do passado. A versão de Saramago reconstrói as duas mulheres do início do Cristianismo, Eva, a mais conhecida, culpada pelo pecado original, que fez todos os homens, depois de Adão, perderem seu lugar no Paraíso em troca do conhecimento do bem e do mal, passou a ser, no romance estudado, a “mãe da humanidade”, que questiona e batalha pela vida no mundo inóspito do início dos tempos; e Lilith, esquecida pelos cristãos por não se submeter às vontades de um homem – Adão – foi transformada em demônio, para assustar as possíveis seguidoras de suas atitudes, agora, em *Caim*, transforma-se em rainha e comandante insaciável de um povo.

O estudo comparado que empreendemos não quis apenas demonstrar semelhanças e diferenças entre as duas personagens nos dois textos estudados. Buscamos, também, refletir sobre como o Cristianismo se serviu e ainda se serve de mitos para cristalizar suas verdades, seus dogmas, encontrando no romance de José Saramago seu contraponto, pois o gênero romanesco, mais moderno e adaptável, reelaborou esses mitos para desconstruir verdades cristalizadas.

O fato de se escolher o romance como gênero para reelaborar o mito também é um ponto importante. O mito é um gênero rígido, e sua desconstrução pede um gênero mais maleável, pois a modernidade pede essa fluidez e transitoriedade, de forma que a reelaboração também não seja vista como “verdade absoluta” e sim como ficção. Uma ficção que faz refletir, mas mesmo assim uma ficção, não um tratado de religião.

Aderimos aos Estudos Culturais voltados para a reflexão sobre os gêneros sexuais, especialmente sobre a posição da mulher seja no início da constituição dos mitos cristãos, seja no romance contemporâneo. Demonstrando como a submissão feminina foi construída através dos tempos, por mecanismos que a fizeram perpetuar durante milhares de anos. Também buscamos demonstrar como



o romance pode nos fazer refletir sobre verdades cristalizadas, questionando-as. Seja de maneira herege (para alguns) ou apenas irônica, Saramago questiona o que aprendeu desde criança, e se propõe a pensar o mundo onde verdades ancestrais caem por terra.

Suas obras são polêmicas e geram discussões. Não se contentam com respostas prontas, precisa fazer com que seus leitores reflitam, pensem na sociedade, questionem e queiram mudá-la. O dogma é seu inimigo. A busca pela cura da cegueira seu Graal. E é por isso que Saramago busca redimir Eva e Lilith, transformar as duas vítimas da visão machista do início do Cristianismo em duas mulheres fortes que ajudaram fundar a humanidade no seu princípio.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 5 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).
- COUCHAUX, Brigitte. Lilith. In: **Dicionário de Mitos Literários**. org. BRUNEL, Pierre. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- ELIADE, Mircea. **Mefistófeles e o andrógino**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Coleção Tópicos)
- _____. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Coleção Debates)
- FERRAZ, Salma. **As faces de Deus**. Disponível em: teopoetica.sites.ufsc.br/arquivos/saramago/.../as_faces_de_deus.doc. Acesso a: 11/04/2013.



FERREIRA JÚNIOR, Nelson Eliezer. Os lugares da literatura comparada em tempos de crítica pós-colonial. In: **Revista de Estudos AntiUtilitaristas e PosColoniais**. Vol. 1, nº 02, Jul – Dez 2011.

LARAIA, Roque de Barros. Jardim do Éden Revisitado. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo. Vol. 40, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000100005&script=sciarttext>. Acesso a 11/04/2013.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária: Prosa I**. 21 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PRYSTHON, Angela. Interseções da Teoria Crítica Contemporânea: Estudos Culturais, Pós-colonialismo e Comunicação. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicações – Compós**. Vol.1, Dez 2004.

SARAMAGO, José. **Caim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

STEINER, George. **¿Qué es literatura comparada?** (Discurso inaugural – Universidade Oxford, 1994).

SYLVESTRE, Fernanda Aquino. Diálogos entre a ficção e a história: o mito bíblico revisitado em Caim, de José Saramago. In: **Revista Alere**, Tangará da Serra, v.04, n.04, setembro de 2011.

